

Aprendizagem em Serviço, Psicologia Histórico-Cultural e outras trajetórias: diálogos com Beatriz Macías Gómez-Estern¹

Learning in Service, Historical-Cultural Psychology and other trajectories: dialogues with Beatriz Macías Gómez-Estern

*Beatriz Macías Gómez-Estern²
Camila Turati Pessoa³*

RESUMO

Beatriz Macías Gómez-Estern é professora da Universidad Pablo de Olavide, UPO, na cidade de Sevilla, Espanha. É psicóloga, atua em diversas áreas que relacionam Psicologia, Educação, Ciências Sociais, estudos migratórios, alteridade, dentre outros. A professora tem uma vasta trajetória de estudos e pesquisas na Europa, Estados Unidos e América Latina. A presente entrevista retrata brevemente este percurso e ilustra alguns intercâmbios de conceitos, de maneiras de atuação e interlocução entre conceitos da Psicologia, da Psicologia Histórico-Cultural e da relação com outras áreas do saber.

Palavras-chave: Beatriz Macías Gómez-Estern; Aprendizagem em Serviço; Sevilla; Espanha.

ABSTRACT

Beatriz Macías Gómez-Estern is a professor at the Universidad Pablo de Olavide, UPO, in the city of Seville, Spain. She is a psychologist, works in several areas that relate Psychology, Education, Social Sciences, migration studies, otherness, among others. The professor has a vast trajectory of studies and research in Europe, the United States and Latin America. This interview briefly portrays this path and illustrates some exchanges of concepts, ways of acting and interlocution between concepts of Psychology, Historical-Cultural Psychology and the relationship with other areas of knowledge.

Keywords: Beatriz Macías Gómez-Estern; Learning in Service; Sevilla; Spain.

¹ Entrevista realizada na língua espanhola e traduzida para o português pela Profa. Dra. Camila Turati Pessoa.

² Pós-Doutora em Psicologia. Professora Associada na Universidad Pablo de Olavide, Sevilla, Espanha desde 2002. Doutorado em Psicologia (2002). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4952-1811>. E-mail: bmacgom@upo.es.

³ Pós-doutorado e Doutorado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR). Mestrado e Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU-MG). Professora Adjunta na Faculdade de Educação Universidade Federal de Uberlândia. Docente dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Mestrado e Doutorado nesta mesma Faculdade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0803-2472>. E-mail: camila.pessoa@ufu.br.

1 Introdução

A presente entrevista é decorrente de Missão de Trabalho no Exterior⁴ realizada pela Profa. Dra. Camila Turati Pessoa em novembro de 2022 na Universidad Pablo de Olavide (UPO) em Sevilla, Espanha. Na ocasião, a Profa. Dra. Beatriz Macías Gómez-Estern, entrevistada convidada, foi a docente da Universidade estrangeira que fez a recepção para missão de trabalho que consistiu em estabelecimento de trabalhos conjuntos entre a universidade estrangeira e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Com o intuito de partilhar a respeito da trajetória de formação, atuação profissional e frentes de trabalho da Profa. Dra. Beatriz, esta entrevista foi concedida com a intenção de publicizar tais trajetórias e diálogos realizados com diversos trabalhos e países ao longo da carreira da professora.

Durante a entrevista, foram abordados alguns tópicos que perpassam a carreira de estudos e investigação da entrevistada e, após revisão pela mesma das respostas registradas, foi sugerido que em alguns trechos fossem destacadas as temáticas as quais se referiam. Com isso, durante a transcrição das respostas temos alguns subtópicos que identificam a qual temática refere-se à resposta de maneira a ilustrar o caminho percorrido e/ou o assunto abordado.

⁴ Financiamento CAPES-PRINT-UFU, Novembro de 2022.

Figura 1: Professora Doutora Beatriz Macías Gómez-Estern em estância em San Diego, Estados Unidos da América (2023).



Fonte: Registro online pela Professora Doutora Camila Turati Pessoa.

Beatriz é espanhola, andaluza, nascida em Sevilha. Estudou Psicologia na Universidade de Sevilha, concluindo a licenciatura em 1996. Posteriormente concluiu o doutoramento em Psicologia Experimental na mesma Faculdade, defendendo a sua tese de doutoramento em Outubro de 2002 sobre Identidade e emigração nos andaluzes. Realizou estágios de pesquisa de pré e pós-doutorado em diferentes universidades latino-americanas (em Cuba, Colômbia e Argentina), europeias (Itália, Inglaterra e Alemanha) e americanas.

Os seus principais interesses de investigação centram-se no impacto da "alteridade" nos processos de construção identitária, estudados sobretudo através do discurso e da narrativa, e aplicados em contextos de intervenção socioeducativa culturalmente diversos. Desde 2002 é professora da Universidade Pablo de Olavide de Sevilha. Em relação aos cargos de gestão, Beatriz foi responsável por Género, Inovação e Internacionalização na Faculdade de Ciências Sociais de sua Universidade como Vice-Reitora nos últimos 8 anos.

2 Entrevista com Beatriz Macías Gómez-Estern

Camila Turati Pessoa (CTP): Olá Beatriz! Agradecemos sua disponibilidade em conceder esta entrevista. Pensei que você pudesse começar falando um pouco sobre você, sua formação, sua trajetória na Psicologia...

Beatriz Macías Gómez-Estern (BMGE):

Início no Laboratório de Atividade Humana na Universidade de Sevilla – Espanha

BMGE: Pois bem, a minha formação, fiz a minha licenciatura, na Universidade de Sevilha e muito cedo envolvi-me em tarefas de investigação a partir do segundo ano. Bem, me envolvi em dois grupos de pesquisa, no Laboratório de Atividade Humana, que é o grupo de pesquisa que o professor Juan Daniel Ramírez liderou na época e é um dos grupos mais conhecidos da Espanha que trabalha em Psicologia Histórico-Cultural. Ao mesmo tempo, também me envolvi em um grupo de Psicofisiologia... Nada a ver né? Mas, bem, isso foi o começo da minha carreira e eu fui aprendendo tudo. Fiquei muito curiosa desde o início sobre o assunto da investigação, embora eu não soubesse sobre, tinha muita curiosidade sobre tudo. Ao longo da licenciatura continuei a envolver-me em questões de investigação, já no último ano da licenciatura tive uma bolsa do Ministério.

Períodos de investigação como estudante: a Psicologia se abre às Ciências Sociais e ao contexto latino-americano.

Ao longo da minha licenciatura comecei a fazer estadias de investigação em universidades estrangeiras. A primeira foi na Universidad de Havana, onde fui participar de um congresso estudantil da Federação de Estudantes Universitários. Isso já foi inspiração de outros mundos universitários latino-americanos, precisamente em Cuba existe uma tradição histórico-cultural muito forte. Então, de alguma forma, desde

o começo eu já tenho essa sementinha... de uma psicologia relacionada para questões sociais e não de uma psicologia isolada do contexto político-social.

Desde minha própria formação na Universidade de Sevilha como psicóloga e também como participante do Laboratório de Atividade Humana, desde o início foi uma psicologia muito aberta a o que acontece em contextos sociais e para outras ciências sociais, e isso se deu também desde minha primeira entrada da Universidade de Havana. Mais tarde fiz também o meu doutoramento na Universidade de Sevilha, um doutoramento em psicologia experimental onde adquiri toda a formação metodológica de investigação mais ortodoxa em psicologia. Também ao longo do meu doutoramento fiz várias instâncias de investigação sempre em faculdades que não eram da psicologia, ou seja, sempre tentando encontrar respostas além da psicologia. Fiz uma instância na Universidade de Montería, na Colômbia, em uma faculdade de Educação, fiz uma instância em uma faculdade de Ciências Políticas em Pisa, na Itália, também de Ciências Políticas na Argentina, em Rosario.

Experiências no doutorado: teoria, vivências e práticas em diálogo sobre a experiência migratória e os cenários multiculturais (Califórnia e Dinamarca).

Fui ao Laboratório de Cognição Humana Comparada em San Diego, onde o líder na época era Michael Cole, e lá trabalhei diretamente com a Olga Vázquez, com a população em projetos socioeducativos, com a população latina. Eu estava no doutorado e já nele comecei a trabalhar a questão da identidade e da migração, das identidades e da alteridade, em contraste entre si, em como influencia a maneira como as pessoas constroem sua identidade, como um processo psicológico. Então, já trabalhando lá, em todas essas instâncias de pesquisa que fiz no exterior, é verdade que elas se alimentaram tanto da experiência empírica, porque eu estava entrevistando migrantes andaluzes ou latinos em todos os lugares que estive, como uma experiência teórica, certo? Sempre em torno da ciência migratória, da alteridade e da construção da identidade, mas sempre me alimentando com outras ciências sociais.

Também estive na Dinamarca com Mariane Hedegaard e Seth Chaiklin, que trabalham muito com a comunidade turca e em projetos educacionais, socioeducativos, também com comunidades de origens diversas, e talvez o marco mais relevante tenha sido esse, o período na Universidade de Califórnia, San Diego, que também foi na época do meu doutorado, pois foi lá que a influência da professora Olga Vázquez, dessa universidade entrou na minha carreira. Lá eles possuem um projeto que é uma adaptação, não sei se você conhece, uma adaptação do projeto do Michael Cole, da Quinta Dimensão, para a comunidade latina, é chamado “A aula mágica”, projeto da Olga Vázquez”. Então entrei como professora da disciplina, que é em parte tem a ver com o projeto, e como formador de um currículo de Educação de Adultos, porque também trouxe da minha formação no Laboratório de Atividade Humana em Sevilha, uma trajetória de Trabalho em Educação de Adultos com Juan Daniel Ramírez. Então minha experiência em Educação de Adultos foi concluída lá, com meu interesse na época com o doutorado, com a questão da identidade e migração, o projeto de Olga trabalhava com meninos e meninas mexicanos nos Estados Unidos, era um projeto educacional que buscava, enfim, contrastar as desigualdades educacionais da comunidade latina, neste caso mexicana, nos Estados Unidos, através de um programa totalmente bilíngue, e o empoderamento da comunidade latina, eles trabalhavam principalmente com crianças, mas naquela época os pais e mães também queriam participar e precisavam de alguém para desenhar um currículo para adultos, então enquanto eu estava lá eu me encarregava disso com a minha experiência tanto em questões de identidade quanto em questões de educação de adultos, encarreguei-me de desenvolver um currículo para adultos, e foi uma imersão total onde era também o meu tema de pesquisa, que era identidade e alteridade, diríamos de uma forma mais básica, mais básica no sentido da psicologia, da construção da identidade como um processo psicológico básico, já que também tinha um aspecto aplicado, que era a gestão de ambientes educacionais multiculturais, como foi o cenário da Aula Mágica em San Diego.

Com isso se iniciou o segundo dos meus nichos, diríamos, de trabalho, o da gestão da diversidade cultural em contextos socioeducativos e, com ele, minha participação no UCLinks (<https://uclinks.berkeley.edu/>). Existe uma comunidade de universidades que tem alguns projetos semelhantes, à Quinta Dimensão do Michael Cole, à Aula Mágica da Olga Vázquez, que existem desde os anos 80, que estão espalhados pela rede da Universidade da Califórnia, é chamado UCLinks, é University of California Links, eles estão em Berkeley, eles estão em Los Angeles, Kris Gutiérrez também está trabalhando nesse projeto, e eles formaram um consórcio onde, bem, eles têm projetos semelhantes de Community Engaged Research com a comunidade, normalmente com a comunidade latina, com características diferentes, porque cada universidade é diferente, as comunidades com as quais trabalham também são diferentes, mas compartilham uma estrutura de colaboração entre a universidade e a comunidade, e também compartilham uma ideia de como os processos educativos devem ser e de transformação educacional e social a partir da Psicologia Histórico-Cultural.

Então, quando comecei a trabalhar, e fiquei um ano lá, na Aula Mágica de San Diego, também com um papel bastante ativo, ou seja, Olga Vázquez foi uma mentora muito boa nesse sentido, Juan Daniel Ramírez, José Antonio Sánchez em Sevilha era, mas Olga, muitas vezes quando você vai para o exterior, bem, também, ou talvez por eu ser mulher, estou falando dos anos 2000, certo? A Olga me deu um papel muito ativo, eu era muito jovem, comecei a lecionar, meus alunos americanos tinham praticamente a mesma idade que eu, mas foi uma experiência, foi um grande desafio e um grande aprendizado, e isso se tornou outro dos meus nichos de trabalho. Inicialmente era a identidade cultural, mas depois foi o que ocorre em contextos educacionais e como projetar cenários educacionais que empoderem comunidades minoritárias, neste caso, a comunidade latina nos Estados Unidos, em São Diego. Depois também comecei a participar daquela rede UCLinks, na qual continuo participando, e essa rede continua, é uma rede, bom, imagina, já existe desde os anos 80, agora universidades também estão envolvidos, não só dos Estados Unidos, mas da Alemanha, tem gente do Brasil, do projeto CLICAR, não sei se vocês conhecem. Recentemente acabou, acabou porque acho que eles ficaram sem financiamento agora não sei se são de São Paulo, mas muito interessante porque trabalham com meninas de rua.

CTP: Ah, que interessante.

BMGE: Então, bom, também tem no Japão, enfim, é um projeto que de alguma forma foi, foi se transformando e se adaptando a diferentes realidades, e eu depois, agora, quando continuo contando a trajetória, direi também que, desde que levamos o projeto a Sevilha, sempre com a flexibilidade que possui, é uma entidade viva que tem flexibilidade e se nutre: é uma comunidade que abraça tudo de novo que se cria e ainda funciona, até hoje. Eu acho que dentro da academia isso é algo bem atípico, né? Que as comunidades acadêmicas internacionais se mantenham há tanto tempo e com muito valor, porque também é uma comunidade que tem um estilo solidário e colaborativo que também é escasso, uma parte humana que é muito escasso na academia atual. Então, foi aí que eu comecei a participar daquela comunidade graças a Olga Vázquez. Eu fiz esse estágio antes do doutorado nessa época, mas foi muito enriquecedor porque acabei lecionando quando ainda era doutoranda e fiquei encarregado de desenhar um currículo para adultos, eu tinha um ano. E bem, isso foi durante o doutorado. Também fiz outra estadia na Universidade de Havana nessa época com a professora Carolina de La Torre, que também trabalhava com questões de identidade. E como te disse, nessa altura, bem, a minha tese era sobre a identidade cultural e a emigração dos andaluzes. Analisei os grupos de discussão e o discurso identitário dos andaluzes e como isso influenciou a experiência de alteridade, na forma como concebiam a sua identidade andaluza. Mas durante todo esse tempo de doutorado, em todas essas estadias que te contei, bem, fui também entrevistando e me alimentando da experiência de alteridade com migrantes latino-americanos na Dinamarca, latino-americanos na Itália, andaluzes em Cuba e a parte socioeducativa de San Diego. Então foi assim, acho que foi exatamente como eu acho que um doutorado deve ser feito, né? Não muito fechado na ideia, mas com muita abertura.

Foi muito formativo. Em 2002 terminei, apresentei minha tese depois de tudo isso e nesse mesmo ano, no mesmo mês que apresentei minha tese ganhei uma vaga na Universidade de Pablo de Olavide como professora. Entrei como

professora assistente e desde então sou professora com diferentes figuras na Universidade de Pablo de Olavide. Em outras palavras, estou na Universidade de Pablo de Olavide há 21 anos com diferentes tipos de contratos, já no último ano como professor titular.

Investigação pós-doutoral: Universidad Pablo de Olavide e consolidação das linhas de trabalho em migrações, identidade e educação culturalmente sensível

Nesses anos tenho seguido principalmente essas duas linhas. A linha mais básica de análise do processo cognitivo e emocional de construção da identidade. Eu meio que me movi para onde minha pergunta de pesquisa estava me levando. Por exemplo, na minha tese de doutoramento, uma das coisas mais marcantes foi que os migrantes narraram na primeira pessoa e com grande emoção o que tinha a ver com a sua identidade de origem. Em outras palavras, a experiência da migração despertou sentimentos de apego muito fortes e muito incorporados nas pessoas que migraram. Com relação à comunidade de origem, ao mesmo tempo em que se tornaram biculturais. Em outras palavras, eram como dois caminhos que poderiam ser pensados como opostos. As pessoas no seu tempo e na sua prática aculturavam-se mais na comunidade de acolhimento, mas do ponto de vista afetivo, discursivo, afetivo e emocional tornavam-se conscientes e vinculavam-se à sua comunidade de origem. É algo que ficou muito claro na minha tese e esse processo me intrigou muito. Então, continuei nessa linha, analisando as narrativas. Porque esses imigrantes narravam, construía raízes narrativas, o contrário dos não imigrantes e dos emigrantes regressados, que tinham um discurso mais genérico, mais abstrato, mais histórico, porque falavam de língua, falavam de cultura... Os imigrantes contavam uns aos outros a sua história pessoal, anedotas, com muita emoção. Essas narrativas me deixaram muito curiosa e então fui descobrir como analisar essas narrativas, que potencial as narrativas tinham como instrumento semiótico para gerir ou dar sentido a esse trânsito que a migração constituía. E assim fui, por exemplo, a Londres com um grupo de sociolinguistas que analisavam narrativas no Center for Language, Discourse & communication do Kings College

(<https://www.kcl.ac.uk/research/centre-for-language-discourse-communication#:~:text=The%20Centre%20offers%20extensive%20research,identities%2Din%2Dinteraction%2C%20narrative>).

Ou seja, eu tenho andado um pouco... Tenho discutido em outras ciências, em outras disciplinas, mas sempre por curiosidade sobre o meu assunto. E tenho várias publicações sobre essa análise das narrativas de um ponto de vista mais microanalítico e interativo. E isso é uma linha. E a outra linha que venho desenvolvendo há 23 anos é a linha, novamente, dos contextos socioeducativos, da transformação em contextos socioeducativos onde existe diversidade cultural. Participei de vários projetos de pesquisa sobre a gestão da diversidade cultural da população imigrante na Andaluzia, com outras universidades, principalmente com a Universidade de Granada. Em Granada existe um Instituto de Estudos de Migração (<https://migraciones.ugr.es/>) e com eles participamos de um projeto sobre o dispositivo que foi estabelecido na Andaluzia principalmente para atender a população imigrante, que são chamadas de Salas de Adaptação Temporária de Linguagem (ATALES). E vários projetos também sobre escolas multiculturais.

Projeto A Aula Mágica Sevilla e inícios da investigação sobre as mudanças identitárias junto aos estudantes participantes da Aprendizagem em Serviço

E então, por outro lado, junto com Vicky, junto com Virginia Martínez, que é minha colega da UPO, iniciamos este projeto de Aprendizagem em Serviço na Universidade Pablo de Olavide, que realizamos há 10 anos, o que parece não tem nada a ver com o que estou falando, mas sim... tem tudo a ver. No sentido de que, primeiro, nosso projeto também foi uma transferência do projeto San Diego para nossa universidade, com suas características e com as características da comunidade Polígono Sur, que tem características diferentes da comunidade latina de San Diego. E também o mesmo bairro do Polígono Sur tem uma história e um desenvolvimento diferente. O bairro Polígono Sur tem uma vida associativa muito rica e não fazia sentido chegarmos com um projeto

importado dos Estados Unidos como tal. O que fizemos foi, de alguma forma, estabelecer uma colaboração porque também conhecíamos bem o bairro. Vicky e eu, outra vantagem que tivemos, certo? Em outras palavras, eu conhecia bem o projeto de San Diego porque tinha feito parte dele, mas sabia, nós duas, que conhecíamos muito bem o bairro. Virgínia, porque já havia sido vice-diretora da Residência Universitária Flora Tristán, que já tinha um projeto dentro da metodologia de Aprendizagem em Serviço. Eu conhecia muito bem o bairro porque trabalhava como voluntária desde os 17 anos, tinha trabalhado como voluntária numa associação juvenil daquele bairro e tinha feito estágio. Então, de alguma forma, chegamos a um lugar que era um bairro muito marginal de Sevilha, muito isolado, que quase ninguém conhece, mas conhecíamos o bairro e tínhamos um olhar para o bairro. Vimos com o projeto San Diego, basicamente com os agentes educacionais do bairro, dizer a eles, temos essas possibilidades, pertencemos a essa comunidade internacional, que é a UCLinks, onde se fazem coisas que têm uma ideologia educacional, teórica, nós temos isso a oferecer, temos uma metodologia a oferecer, que colocamos ao seu serviço. E ao mesmo tempo podemos conectar o que se faz no bairro com uma comunidade internacional, porque alguns projetos muito interessantes são feitos no bairro, mas muitas vezes não são conhecidos.

E depois de um ano de negociação, de diálogo de como a gente poderia registrar esse projeto da Aula Mágica no polígono, começamos a trabalhar com os adultos lá no polígono, e nesse caso já sob o título de Aprendizagem em Serviço. Basicamente, o que a Aprendizagem em Serviço nos dá é que o projeto é como a Aula Mágica de San Diego, em sua estrutura, diríamos, é um projeto de colaboração universidade-comunidade, onde os estudantes universitários prestam um serviço à comunidade ao mesmo tempo em que aprendem, e a comunidade consegue, diríamos também, ajuda em seus projetos, ao mesmo tempo que também consegue, bem, além de conseguir a ajuda, aquela relação com o corpo discente da universidade. Assim, os termos dessa colaboração mudam de acordo com as necessidades, tanto das propostas que se implementam, como das entidades com as quais colaboram. O projeto de San Diego, basicamente, não chamava

Aprendizagem em Serviço, os projetos UCLinks são chamados de Aprendizagem em Serviço, eles são chamados de Community Engaged Research, mas são Aprendizagem em Serviço, quero dizer, isso depende da terminologia.

O corpo discente desses projetos, ou seja, a gente adotava o esquema de trabalho, a ementa da nossa disciplina era a ementa como era em San Diego, que depois a gente foi avançando para a nossa realidade, para os nossos alunos, ao número de alunos que temos, às nossas graduações, mas o esquema era o mesmo, a estrutura era a mesma. A diferença é que em quase todos os projetos de UCLinks, como nesses projetos se combinam pesquisa, ensino e intervenção comunitária, na parte de pesquisa os projetos de UCLinks, a Aula Mágica, The 5th Dimension, os de Kris Gutierrez, focam-se sobretudo nos benefícios para a comunidade latina ou para a comunidade marginalizada, ao pensar na participação nestes projetos.

Em outras palavras, o que quase todas as suas pesquisas fazem é mostrar quais são os benefícios para a igualdade educacional dos meninos e meninas que participam da comunidade nesses projetos. No entanto, nestes 20 anos de interação nessa rede também tenho visto que se fala muitas vezes, a partir de uma lógica decolonial também se fala, que os benefícios não são só, diríamos, para a parte desfavorecida. Há uma relação de mão dupla onde a sociedade majoritária, através do corpo discente universitário, também consegue tanto quanto essa parte, deixando para trás a lógica paternalista. E isso é algo que em UCLinks é mencionado continuamente, mas nunca foi investigado. Então, unimos essa necessidade, nos especializamos, entre aspas, na rede UCLinks ao invés de olhar para o benefício que os meninos e meninas, ciganos e ciganas, obtêm na participação do projeto, que também sabemos que existe, devíamos ver o que o corpo discente universitário obtém como resultado da participação nesses projetos.

Por isso começamos a trabalhar na lógica da Aprendizagem em Serviço. Mas isso também tem a ver com a vivência prática da ciência. Virgínia tinha trabalhado nessa linha, vimos que naquele momento podíamos obter subsídios desse sentido e continua, no meu caso especificamente, continua na linha de

estudos de identidade e alteridade, porque como se produz esta mudança no corpo discente universitário, como se produz este contributo que oferecemos ao corpo discente universitário é através da alteridade, através do conhecimento de uma realidade que até então não existia, e do contacto cotidiano com aquela comunidade tão marginalizada e tão desconhecida.

Então, no final, estamos nos processos de identidade e alteridade em estudantes universitários e como isso influencia sua formação integral, não apenas do ponto de vista conceitual, mas também academicamente. E essa é a outra parte do meu trabalho, que, como vocês podem ver, tem a ver com o início da identidade e da alteridade, mas parece que não. No momento estou desenvolvendo essas duas linhas, basicamente.

Conceitualizando a transformação social nos cenários híbridos através da música: últimas construções teóricas aplicadas

A última linha que estou desenvolvendo, também como derivações dessas, mas que são incipientes são duas, ou seja, como derivações dessas mesmas. Vão surgindo, vão aparecendo sempre em diálogo com os outros. Há três anos, fui convidada a participar de uma edição da revista Theory and Psychology (Teoria e Psicologia) sobre questões epistemológicas do trabalho com comunidades minoritárias. Bom, basicamente sobre psicologia crítica e psicologia indígena, quais são os desafios inerentes da psicologia crítica e da psicologia indígena. E foi um artigo, quero dizer, bem, foi um comentário aberto sobre um artigo de uma filósofa da ciência chamada Barbara Held. Foi um Open Review, eram comentários abertos e eu fui convidada. E a verdade é que para mim foi um desafio porque trabalho em pesquisa empírica há 20 anos, mas está intimamente ligada, diríamos, à prática. E me pediram para fazer uma epistemologia mais ampla, mas aceitei o desafio, porque também pensei de uma perspectiva feminista que talvez fosse hora de me obrigar a que aprendizado eu cheguei, qual seria a “minha verdade”, sabe? Entre aspas...

CTP: Estou achando muito interessante. Gostaria que continuasse...

BMGE: Bom, foi um desafio, de novo, foi um desafio porque foi difícil pra mim de alguma forma, eu acho, não vou falar de mulher porque tem muitas formas de ser mulher e também tem muitas e geracionalmente também tem diferenças, mas pelo menos a forma como me socializei enquanto mulher, socializei-me com o empenho na criação do conhecimento e na transformação, mas é verdade que não me socializei com a ambição, diríamos, do dom da palavra ou de ensino. Nunca pensei que o que digo tem que ser verdade, ou seja, que tenho sido mais dialógica na forma como tenho construído conhecimento tanto na ciência como na docência. Eu nunca me senti de posse da verdade, então isso torna muito difícil fazer uma entrevista onde você dá uma declaração. E a mesma coisa aconteceu quando me pediram para participar dessa edição, mas me esforcei justamente por isso, pensando que as pessoas, geralmente mulheres da minha geração, que não têm essa ambição, que têm uma forma mais colaborativa de construir conhecimento, acabamos não participando do fórum público. Então fiz esse esforço e de alguma forma tentei sistematizar por escrito quais foram as conclusões, digamos, claro parciais e muito práticas, a que cheguei em torno da reflexão epistemológica sobre como reunir diferentes saberes em contextos de intervenção social. E essa dificuldade que surge, porque também da psicologia da comunicação ou da Psicologia Histórico-Cultural, como concebemos a comunicação, existe a dificuldade de como diferentes gêneros discursivos, diferentes formas de conhecimento, diferentes modos de ser na realidade, obviamente existem é uma hierarquia entre eles no contexto formal e como lidar com isso no contexto da intervenção social, tanto no contexto da construção da ciência, quanto no contexto da educação. Então, como essas são questões que sempre pairaram sobre minhas pesquisas, ali naquele artigo de Teoria e Psicologia tentei unir quais eram as minhas verdades práticas que me ajudaram, sem pretender esclarecer ninguém. E a partir daí também desenvolvi essa mesma ideia num capítulo mais amplo que foi publicado em 2022 num livro da Pallgrave McMillan (Machín, 2022), porque um colega também me pediu, e também tem

as relações humanas da ciência, pois me pediu um colega da Universidade de Havana, que agora está na Universidade Andrés Bello, no Chile, e leu meu artigo sobre Teoria e Psicologia, e me disse que era perfeito para um livro que estava organizando, então me convidou e pediu para que ampliasse a discussão. Então, é curioso porque também existe aquela parte humana do compromisso humano, não é querer ditar o ensino que te motiva a escrever sobre isso, mas sim são pessoas que valorizam o teu trabalho e que querem que a tua voz seja ouvida, ou sua voz ou sua perspectiva, mas caso contrário eu não teria feito isso. Então essa linha mais teórica que tentei desenvolver uma ideia teórica do que gera transformação social em contextos de diversidade cultural e o conceito do sujeito de agente híbrido começou a desenvolver um pouco dessa maneira. Está em construção, mas comecei a desenvolver de maneira a ser incitada por mulheres que possuem sua voz e por pessoas concretas que me foram pedindo. Isso está em construção.

Outra parte que está em construção dentro da parte socioeducativo é o trabalho com multimodalidade. Com a música, precisamente. Também estudei sobre música comunitária, sobre a psicologia da música, mas também empiricamente, através da análise de esta intervenção concreta, deste grupo que remixa música popular numa escola multicultural de Sevilha. Aí temos um artigo publicado, Juan Daniel Ramírez e eu, com eles, com dois praticantes, duas pessoas, dois meninos, que são os músicos que trabalham nisso, bom, são músicos e arquitetos que fazem esse projeto. E é isso que eu também queria e quero desenvolver aqui em Miami, já que Miami é uma cidade altamente multicultural, porque busco cenários onde a música é feita, e como isso pode gerar processos de transformação.

CTP: Interessante!

BMGE: As linhas múltiplas, que são completamente incipientes, mas como podem ver têm a ver com as anteriores, ou seja, são derivações.

CTP: Sim e fiquei curiosa: na sua formação e carreira os conceitos de Psicologia Histórico-Cultural estão muito próximos. Quando você me fala sobre emoções, a formação do sujeito, eu gostaria de saber se existem ou quais conceitos você acha que estão mais presentes da epistemologia, Psicologia Histórico-Cultural nessas práticas multiculturais. Quais você acha que são mais fortes ou ajudam a pensar sobre essas práticas e intervenções?

BMGE: Olha, você me fez uma pergunta super difícil. É difícil porque acredito que a Psicologia Histórico-Cultural para mim são o “aquário em que vivo” Há momentos em que não menciono isso porque é a maneira como concebo a mente humana. Diríamos que não sou capaz de dizer que esse conceito me ilumina, mas sim que esses conceitos são o ar que respiro. É assim que interpreto a psicologia, mas é assim que interpreto a vida também. Então eu não saberia o que te dizer. Talvez a heterogeneidade do pensamento (Tulviste), do seu ponto de vista, mas isso está totalmente relacionado ao conceito de *privilegiación* (Wertsch) também. A origem social dos processos psicológicos, mas é que todos eles estão relacionados entre si. Então, não sei se você quer me fazer perguntas específicas sobre conceitos porque eu digo que é o ar que respiro, Psicologia Histórico-Cultural. Tenho percebido isso muitas vezes porque vou a contextos onde a Psicologia Histórico-Cultural são faladas como novidade, como uma abordagem que contrasta com outra, quando para mim é o óbvio. Por exemplo, também vejo isso nos companheiros e companheiras cubanos. Os companheiros e companheiras cubanos que se formaram, seus professores se formaram com os russos, com os soviéticos, têm aquela semente da ideia da conformação social do processo psicológico. Diríamos que vivi uma psicologia que não tinha essa lógica individualista. Então, bem, eu sei porque estudei psicologia e porque estamos expostos a ela, mas a forma como eu percebo tanto a intervenção quanto os processos psicológicos estão completamente enraizados nas práticas sociais. A partir que me guia o olhar de análise de tudo. A origem social dos processos psicológicos aplicados não apenas aos processos cognitivos, mas também aos emocionais. E tem também o conceito de *pereživanie*, mas como uma derivação. O conceito de heterogeneidade do pensamento aplicava-se não apenas ao pensamento verbal, mas também à

emocionalidade, à experiência. O conceito de James Wertsch. Acredito que a influência do Wertsch tenha sido muito forte porque ele teve muito peso no grupo de pesquisa do Laboratório de atividade humana. O conceito de privilégio do Wertsch, de como diferentes ferramentas são privilegiadas em diferentes contextos. O conceito de cenário de atividade (Leontiev-Engestrom) também está muito presente. Tudo que tem a ver com comunicação também está muito presente, né? Com a dificuldade ou, ao mesmo tempo, dificuldade ou vicissitudes na comunicação quando os interagentes foram socializados em diferentes cenários de atividade. A ideia de construção de sentido de Brunner também foi muito relevante na minha formação, principalmente no que diz respeito à questão da identidade. A construção de significado, a ideia de narrativas como ferramentas para a construção de significado. Mas tudo isso está inscrito na ideia de cenário de atividade e ferramentas. Acredito que a estrutura mais influente na forma como conceituo tudo vem de Wertsch, da ideia de ferramentas e privilégios e posteriormente alimentada por todo o resto.

CTP: Por exemplo, quando você fala dessas intervenções multiculturais, no Brasil também estamos com esse exercício de usar a teoria para pensar como fazer essas intervenções, especialmente no campo da psicologia e da educação, usando esses conceitos como base para pensar sobre tudo isso. Gostaria de perguntar um pouco mais sobre a Aprendizagem em Serviço, porque quando os alunos estão em campo, será que eles conseguem fazer essa relação que eles estão fazendo uma ação, mas que existe uma teoria por trás disso, sabe? Que essa relação se faz com a ação...

BMGE: Bom, um dos artefatos, como diz o Michael Cole e tudo que a gente usa e que a gente usa para orientar esses processos teórico-práticos são as notas de campo. O corpo discente tem que escrever, claro, não entrei em detalhes, né? Eu tenho dito a você assim muito acima, muito geral. Claro que o exercício Aprendizagem em Serviço não é só colocar o corpo discente em um contexto híbrido, porque quando o corpo discente vai fazer seus estágios, é um contexto que é ao mesmo tempo universitário, é um cenário de atividade que é ao mesmo tempo uma universidade, com seus próprios motivos, suas próprias ferramentas, seus próprios

artefatos. Eles são avaliados, eles têm que aprender, seu papel é de aprendiz, mas ao mesmo tempo é um contexto profissional onde eles estão tendo que atuar como educadores. Então, isso por si só já tem um componente transformador porque eles têm que navegar entre esses dois cenários e criar suas próprias razões de ação. E com sua atuação porque também consideramos que nossos projetos são suficientemente abertos para que tenham que gerar seus próprios motivos e ao mesmo tempo mudar os motivos da atividade. É uma atividade que está em construção, uma fonte de aprendizado para eles. Mas não é só isso, as notas de campo como ferramenta, que além do que se corrige, a gente corrige as notas de campo entre aspas... São instrumentos de avaliação da disciplina, as notas de campo são avaliadas, na matéria que eu estou atribuindo com poucos alunos 50% da nota da disciplina. Corrijo-as semanalmente e corrigindo-o dou-lhes um feedback onde os ajudo de alguma forma, guio o seu olhar como etnógrafo, como observador, mas também os ajudo a refletir sobre o que ali se passa e a fazer esse caminho entre a teoria e a prática. Seguir esse caminho onde a teoria serve para iluminar os processos práticos que vivenciam e que ao mesmo tempo os desafiam, porque muitas vezes são processos onde são desafiados emocionalmente. Então, diríamos que do ponto de vista, aí também falamos da *perejivanie*, o aprendizado não vem de algo frio, mas vem de um desconforto e esse desconforto muitas vezes ocorre porque vai para um contexto onde meninos e meninas os desafiam, onde vivenciam situações que às vezes podem ser violentas para eles, onde sentem que não sabem o que fazer. Tudo isso se reflete nas notas de campo e nas aulas. Você viu também que a outra ferramenta é a aula, o diálogo com o professor. Assim, estas ferramentas estão a servir de norte aos seus processos de reflexão crítica e aprendizagem, tanto nos apontamentos de campo como as aulas. E lá vamos nós ajudando-os a tornar a teoria como base para construir sua própria visão do que acontece, mas observe que muitas vezes não é uma teoria que se converte em dogma. Mas esse é o processo que eu acho que eles deveriam fazer, ainda mais hoje, quando eles têm uma saturação de informações. Acredito que o importante não é que eles colem informações e reproduzam informações, mas que saibam analisar as informações e dar sentido a elas em sua própria experiência do ponto de vista

emocional. Do emocional, não apenas do teórico. Então, claro, tem essas ferramentas que a gente tem, ou seja, o curso é estruturado e a gente pegou essa estrutura de San Diego. Em San Diego já era assim. A disciplina é avaliada através da correção de notas de campo e aí também tem, bom, a gente tem várias disciplinas que são ensinadas. A que eu ensino é em inglês e como é em inglês tenho alunos internacionais e são poucos alunos, portanto, posso avaliar perfeitamente as 10 notas de campo, enquanto a matéria que a Vicky ensina é primeiro ano de Educação Social em espanhol e são 60 alunos. Então ela obviamente pode corrigir todas as 60 notas de campo. Então, meu curso de inglês é mais parecido com o original em San Diego porque para mim esse feedback personalizado é muito importante e posso fazer com 10 alunos, mas obviamente a Vicky com 60 teve que fazer uma adaptação e não corrige todas as notas de campo. As notas de campo auxiliam a fazer a relação entre teoria e prática. Olha, acabei de lembrar também que outra importante influência nossa é Paulo Freire, que para mim é totalmente compatível com Vygotsky. A pedagogia do oprimido, a ideia dele traz nuances, traz realidades, traz frescor, acima de tudo acho um toque de realidade, porque Freire falava a partir do conhecimento das comunidades com as quais trabalhava e acima de tudo o apreço e respeito. Mas é totalmente compatível com a Psicologia Histórico-Cultural e vygotskyana, é outra das grandes contribuições que nós também temos, além do comprometimento, talvez traga mais comprometimento, a parte da Psicologia Histórico-Cultural talvez tenha sido mais experimental ou mais acadêmico.

CTP: Gostaria de perguntar a você se o conceito de Aprendizagem em Serviço foi retirado da estrutura de San Diego, que quando você estava lá essa estrutura foi trazida, mas agora você vê esse a Aprendizagem em Serviço em sua prática, por exemplo, agora como professora, mudou, transformou-se em outra coisa ou continua com essa estrutura e algumas pequenas mudanças. Como você vê agora a Aprendizagem em Serviço que seus alunos fazem agora?

BMGE: Vamos ver, o conceito, não sei se me expliquei bem, a estrutura da metodologia de colaboração entre a universidade e a comunidade com os

artefatos que eles têm, que são, por exemplo, o tipo de ensino, notas de campo, etc., vem de San Diego, do projeto A quinta Dimensão (The Fifth Dimension) de Michael Cole e em sua adaptação para a comunidade minoritária A Aula Mágica de San Diego. Mas diríamos que focar em uma parte desse processo, que é o corpo discente universitário, é uma novidade, diríamos que damos a Sevilha. E a partir daí aprendemos a tradição da Aprendizagem em Serviço. Portanto, não é totalmente correto dizer que a Aprendizagem em Serviço vem de San Diego, porque o que vem de San Diego é o projeto, a colaboração universidade-comunidade por meio desse triângulo onde pesquisa, ensino e intervenção comunitária são realizados na mesma atividade. Esse esquema de colaboração e seus artefatos, as notas de campo, a forma como o ensino é ministrado vem de San Diego. Mas depois do foco no processo de mudança do corpo discente universitário na pesquisa e, diríamos, a denominação ou o vínculo com uma tradição diferente de didática, porque a Aprendizagem em Serviço está mais relacionada a metodologia de aprendizagem, então é algo que nós incorporar em Sevilha e Barcelona e que neste caso, diríamos, vem da colaboração entre eu, que venho de San Diego com toda a estrutura, e a Virgínia, que já havia participado de comunidades acadêmicas de Aprendizagem em Serviço, mais voltadas para a aprendizagem universitária. Aí juntamos uma comunidade acadêmica que vem mais da área que não tem, que não desenvolveu uma análise teórica própria do que se faz, e a Psicologia Histórico-Cultural com a sua implementação nos projetos da Quinta Dimensão e da Aula Mágica, que fornece uma estrutura de trabalho e uma abordagem teórica. De fato, há cinco ou seis anos realizamos uma conferência de Aprendizagem em Serviço em Sevilha, onde foi apresentada essa forma teórica de analisar o processo de mudança identitária junto aos estudantes participantes nos projetos de Aprendizagem em Serviço. Diríamos que a tradição da Aprendizagem em Serviço vem mais de uma área de Educação e menos de Psicologia, então o processo de aprendizagem desses alunos não foi analisado a fundo, mas sim visto como uma metodologia didática, e a gente faz as duas coisas se juntarem.

Há muitas pessoas que praticam a Aprendizagem em Serviço e não o fazem a partir da Psicologia Histórico-Cultural, e há muitas pesquisas em Psicologia Histórico-Cultural engajadas na comunidade que não exigem esse aprendizado de serviço, embora pudesse ser. Assim, a conjunção de ambas as tradições em Sevilha e Barcelona, não existia antes, e tem sido uma questão de oportunidade ou colaboração. Eu e a Virgínia trabalhamos juntas, ela sabia dessa ideia de aprendizado de serviço pelo trabalho dela no Polígono Sur, e eu conhecia a fundo a estrutura desse curso em San Diego, toda a parte teórica, e nós juntamos. José Luis Lalueza, da Universidade de Barcelona, entra no projeto, bem, ele não entra, mas José Luis Lalueza inicialmente também não veio da tradição de Aprendizagem em Serviço, mas da tradição histórico-cultural. Seu projeto em Barcelona também vem da linha UCLinks. De alguma forma, o que encontramos é que no cenário espanhol, também para subsídios, o trabalho com minorias não tem mais lugar e o trabalho com universitários tem mais espaço e, ao mesmo tempo, nos interessa. E veio daí também, então a gente começou a desenvolver essa parte. Então, não é tanto que eles se unem, mas que essas duas tradições se unem no nosso trabalho.

CTP: É interessante saber um pouco mais sobre essa distinção porque, por exemplo, eu vejo que às vezes tem práticas que se aproximam da Aprendizagem em Serviço aqui no Brasil, mas não continua com esse nome, mas os pressupostos são, sim, as bases são as mesmas de uma etapa profissionalizante no final da formação em psicologia, por exemplo. Então, é interessante ouvi-la sobre essa diferença para saber também como os pesquisadores estão unindo e aproximando esses conceitos e práticas. Gostaria que você fizesse uma fala final ou acrescentasse algo que não abordou...

BMGE: Sim, sim, perfeito, sim. Olha, bem, bem, eu, o que você diz, para mim, neste ponto da minha carreira, acho que, e precisamente no ano passado que fiz minha titulação, e eu tive que fazer um resumo da minha carreira, que se você quiser posso compartilhar a referência, porque lá também tem toda a trajetória e pode ser útil para você. Cheguei à visão da reivindicação da parte humana de fazer ciência, certo? Em tudo isso que você está contando, existem pessoas, e existem redes de pessoas, e isso

está se perdendo, e não estou falando de redes de pessoas das quais somos amigos, não, o que estou falando é exatamente como essa parte, ou seja, na nossa atividade e na nossa prática como cientistas, a gente tem que levar em conta também essa parte motivacional, emocional e social, e você vê isso aí, né? Ou seja, não é um tema, o meu tema de investigação tem coerência, tem sentido, mas tem vindo a seguir caminhos que têm estado relacionados, bem, com as colaborações que estabeleci, as situações de oportunidade, tenho a Virgínia por meu lado, que esta colaboração pode fazer sentido. E não só, diríamos, com a ideia teórica pura, mas também há tradições de conhecimento, digamos que não são algumas categorias taxonômicas frias, mas também ocorrem em relação a pessoas que sentem e que fazem ciência. E eu acho que é importante levar isso em conta, ou seja, ver a construção científica também como uma atividade, como uma cena de atividade que também tem sua parte humana, né? Então, bom, com tudo que isso implica... Como as mulheres fazem ciência, como as pessoas que não vêm fazem ciência, ou que, por exemplo, recentemente, olha, uma colega recentemente, Vera da Silva. Ela é brasileira, eu a conheci recentemente em uma conferência sobre Linguagem, Cultura e Mentes, ela é antropóloga de linguagem e trabalha com línguas da Amazônia brasileira. É muito interessante. Agora ela está no Brasil e recentemente me enviou um artigo sobre mulheres indígenas da Amazônia que atualmente estão fazendo doutorado ou falando sobre sua cultura em universidades ocidentais. Então, a ciência que essa gente faz tem outro papel. E essa humanidade é importante levar em conta, eu acredito.

CTP: Sim, sim...

BMGE: Pra te dar um exemplo... É com isso que também trabalho com a ideia do sujeito híbrido, agente híbrido. Ou seja, o potencial transformador de quem faz ciência ou que intervém a partir de diferentes posições, não apenas da posição hegemônica que tem sido a maioria, certo? Além do feminismo, também estou falando de comunidades, certo? Falo de gênero da mesma forma que falaria de diferentes cenários de comunicação. A socialização de gênero como cenário de comunicação. Ou seja, não só uma perspectiva feminista, sair da hegemonia, diríamos, da construção do conhecimento principalmente do sujeito ocidental, onde me incluo.

CTP: Beatriz, não sei como lhe agradecer. Acho que expandimos a conversa em muitos tópicos e todos muito interessantes. Foi um prazer!

BMGE: Muito obrigada por me ouvir!

Aprendizaje Servicio, Psicología Histórico-Cultural y otras trayectorias: diálogos con Beatriz Macías Gómez-Estern

RESUMEN

Beatriz Macías Gómez-Estern es profesora de la Universidad Pablo de Olavide, UPO, en la ciudad de Sevilla, España. Es psicóloga, trabaja en varias áreas que relacionan Psicología, Educación, Ciencias Sociales, estudios de migración, alteridad, entre otras. La profesora tiene una vasta trayectoria de estudios e investigaciones en Europa, Estados Unidos y América Latina. Esta entrevista retrata brevemente este recorrido y ilustra algunos intercambios de conceptos, formas de actuar e interlocución entre conceptos de la Psicología, la Psicología Histórico-Cultural y la relación con otras áreas del conocimiento.

Palabras-clave: Beatriz Macías Gómez-Estern; Aprendizaje Servicio; Sevilla; España.

Breve bibliografía de destaque

Sobre identidade e migração

MACÍAS-GÓMEZ-ESTERN, B.; DE LA MATA M. Narratives of migration. Emotions and the interweaving of personal and cultural identity through narrative, *Culture & Psychology*, 19 (3), 348-368, 2013.

MACÍAS-GÓMEZ-ESTERN, B. And now I am here..., but then we were there”: space and social positioning in Andalusian migrant’s narratives. *Journal of Multicultural Discourses*, 8 (3), 195-212, 2013.

MACÍAS-GÓMEZ-ESTERN, B.; ARIAS-SÁNCHEZ, S. Yo soy lo que tú no eres: la alteridad en la definición de la identidad andaluza. *Avances en Psicología Latinoamericana*. 36(3), 493-509, 2018.

Sobre Aprendizagem em Serviço

MACÍAS-GÓMEZ-ESTERN, B.; ARIAS-SÁNCHEZ, S.; MARCO-MACARRO, M., CABILLAS-ROMERO, M.; MARTÍNEZ-LOZANO, V. Does service learning make a difference? comparing students’ valuations in service learning and non-service learning teaching of psychology. *Studies in Higher Education*, 46 (7), 1395-1405, 2021. DOI: 10.1080/03075079.2019.1675622.

LALUEZA, - J. L.; MACÍAS-GÓMEZ-ESTERN, B. Cruzando la frontera. *Una aproximación al Aprendizaje Servicio desde el Aprendizaje Transformativo y la Psicología Histórico-Cultural, Culture and Education*, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/11356405.2020.1792755>.

Sobre escola multicultural e diversidade

SÁNCHEZ-MEDINA, J. A.; MACÍAS-GÓMEZ-ESTERN, B.; MARTÍNEZ-LOZANO, V. The value positions of school staff and parents in immigrant families and their implications for children's transitions between home and school in multicultural schools in Andalusia. *Learning, Culture and Social Interaction*, 3, 217-223, 2014.

MACÍAS-GÓMEZ-ESTERN, B.; ÁLVAREZ DE SOTOMAYOR, A. Percepción y construcción identitaria del profesorado ATAL: Una aproximación empírica. *Gazeta de Antropología* 34 (1). Artículo 5, 2018.

MATSUMOTO, M.; MENDOZA-PÉREZ; K.; MACÍAS-GÓMEZ-ESTERN, B.; POVEDA, D. Families at social risk and access to 0–3 Early Childhood Education and Care in Spain: a model to understand diverse conditions in the current system (Familias en situación de riesgo social y acceso a la educación preescolar de 0 a 3 años en España: Un modelo para comprender las situaciones diversas en el sistema actual). *Culture and Education*, 1-34, 2023.

Últimas construções epistemológicas e aplicadas: agente psicológico híbrido e música como instrumento para a intervenção socioeducativa

MACÍAS-GÓMEZ-ESTERN, B. "Hybrid psychology agent": Overcoming the about/for dichotomy from praxis, *Theory & Psychology*, 30 (3), 2020.

MACÍAS-GÓMEZ-ESTERN, B. Chap 2. "Critical Psychology for community emancipation: insights from socio-educative praxis in hybrid settings" In Machin, Raudelio (Ed.) *The new waves in Social Psychology* (25-54). Palgrave-McMillan, 2021.

MACÍAS-GÓMEZ-ESTERN, B.; RAMÍREZ-GARRIDO, J. D.; ALONSO MALLÉN, R.; TORRES-IGLESIAS, F. "Multicultural education through music remixes: a situated approach. IN: SANDERSON, L.; STONE, S. (eds.), AMPS Proceedings Series 22.1. Teaching – Learning – Research. *Manchester School of Architecture*, UK. 02 – 04 December (2021). pp. 328-335, 2021. ISSN: 2398-9467.

Recebido em março de 2023
Aprovado em agosto de 2023